A fotografia como objeto intermediário: O álbum da matriz

Photography as intermediary object: The matrix album

La fotografía como objeto intermedio: El álbum de la matriz

Resumo

Com este texto, teve-se por objetivo caracterizar a fotografia como objeto intermediário para acesso à aspectos constituintes da matriz de identidade. Para o alcance desse objetivo foram apresentados e discutidos relatos de sessões de psicodrama e de sociodrama em que a fotografia foi utilizada no processo de aquecimento, como objeto intermediário. Com a pesquisa ação foi possível identificar que a fotografia permite o mapeamento de fases relevantes da matriz de identidade, que podem ser compreendidos e atualizados nas cenas vivenciadas na realidade suplementar.

Palavras-chave: psicodrama, sociodrama, fotografia

Abstract

With this text, the objective was to characterize photography as an intermediary object for access to the constituent aspects of the identity matrix. In order to reach this goal, reports of psychodrama and sociodrama sessions were presented and discussed in which the photograph was used in the heating process, as an intermediate object. It was possible to identify that the photograph allows the mapping of relevant phases of the identity matrix, which can be understood and updated in the scenes experienced in the supplementary reality.

Keywords: psychodrama, sociodrama, photography

Resumen

Con este texto, se tuvo por objetivo caracterizar la fotografía como objeto intermedio para acceder a los aspectos constituyentes de la matriz de identidad. Para el logro de ese objetivo fueron presentados y discutidos relatos de sesiones de psicodrama y de sociodrama en que la fotografía fue utilizada en el proceso de calentamiento, como objeto intermedio. Es posible identificar que la fotografía permite el mapeo de fases relevantes de la matriz de identidad, que pueden ser comprendidos y actualizados en las escenas vivenciadas en la realidad suplementaria.

Palabras claves: psicodrama, sociodrama, fotografía

INTRODUÇÃO

O termo "Objeto Intermediário" foi introduzido na teoria e na prática psicodramática por Rojas–Bermúdez (2016/1970) associado à experiência realizada com marionetes em psicóticos crônicos. Percebeu-se que estes favoreciam o aquecimento além de propiciar a comunicação do grupo (Rojas-Bermúdez, 2016).

Este termo foi assim denominado pelo autor, em razão da própria qualidade deste de mediar a transição do estado de alarme (campo tenso) para o campo relaxado. De acordo com Rojas-Bermúdez (2016) os estados de alarme mantêm o "si mesmo" expandido e conforme é utilizado o Objeto Intermediário estes estados são reduzidos propiciando a vinculação dos papéis em funcionamento. Portanto, denomina-se como objeto Intermediário qualquer material concreto que intermedia a relação entre direção e representação, que reduz tensões, fomentando um clima de brincadeira (Rodrigues, 2007), permitindo a liberação da subjetividade do sujeito, que, sentindo-se confortável num campo relacional menos aversivo, consegue enfrentar os seus medos e liberar sua espontaneidade (Larios, 2013).

Rojas–Bermúdez (2016) apresenta oito classificações conforme as qualidades do Objeto Intermediário, sendo estas: 1) Existência real e concreta; 2) Inocuidade, ou seja, que não

desencadeie, reações de alarme; 3) Maleabilidade, podendo ser utilizado à vontade em qualquer jogo de papéis complementares; 4) Transmissibilidade, permitindo a comunicação por seu intermédio; 5) Capacidade de adaptação, ou seja, que se adeque às necessidades do indivíduo; 6) Capacidade de assimilação, que o indivíduo possa identificá-lo consigo mesmo; 7) Instrumentalidade, que tenha uso como prolongamento do indivíduo. 8) Capacidade de identificação, ou seja, que propicie de imediato o reconhecimento. Considerando estes itens a fotografia pode ser compreendida como um possível objeto intermediário.

A fotografia, enquanto registro relacional pode portanto, constituir-se como objeto intermediário na localização de aspectos da matriz de identidade. O homem forma a personalidade na matriz de identidade, relaciona-se através dos papéis, constrói vínculos télico-transferenciais, tem ou não encontros e por meio de atos de criatividade libera sua espontaneidade, reconhecendo a si mesmo e aos demais componentes de seu átomo social (Fonseca, 2018). Moreno (2006) aponta que é no interior da matriz de identidade, durante o desenvolvimento da criança, que ocorre o surgimento dos papéis. Desse modo, é na matriz de identidade que se inicia a constituição da identidade e, também, é nessa mesma matriz que se forma a identidade dos vínculos. Com este artigo, teve-se por objetivo caracterizar a fotografia como objeto intermediário para acesso à aspectos constituintes da matriz de identidade. Para o alcance desse objetivo serão apresentados relatos de sessões de psicodrama e de sociodrama.

METODOLOGIA

Este estudo se constituiu como uma pesquisa qualitativa, na modalidade relato de experiência. Trata-se uma pesquisa ativa, conforme Neri, Costa e Conceição (2006) a metodologia de pesquisa ativa propicia a investigação das significações presentes nas relações, do discurso compartilhado, e permite um processo dialógico com intensa troca de conteúdos psíquicos, atitudinais e comportamentais, no propósito de solucionar conflitos.

Para discutir a temática foram analisadas sessões de Psicodrama de grupo e de Sociodrama. Os participantes foram divididos a partir de duas modalidades: 1) Psicodrama de grupo com acadêmicos de Psicologia (30 pessoas); 2) uma sessão de Sociodrama em um grupo de formandos de pedagogia (15 pessoas). Os procedimentos e o método utilizado foram psicodrama e sociodrama. As ferramentas usadas foram a dramatização, teatralização, fantasia guiada, vinhetas e jogos, com a utilização da fotografia como objeto intermediário (Rodrigues, 2007). As sessões (de aproximadamente 1h50min) foram realizadas em espaço cedido pelas Instituições de ensino. Sobre o tratamento de dados, a análise envolveu "organizar, clarificar os dados para que deles se extraiam as respostas para os problemas propostos, que foram objetivo de investigação" (Andrade, 1997, p. 134).

O ÁLBUM DA MATRIZ DE IDENTIDADE: EXPERIÊNCIAS

O sociodrama foi realizado com acadêmicos no último ano de graduação. Após o período de aquecimento, fotografias da turma agrupadas por ano foram dispostas no chão. Os acadêmicos foram estimulados a caminharem em torno das fotografias e se disporem diante das imagens que de algum modo representasse para si a turma. Formaram-se 3 grupos de alunos em torno das imagens do primeiro, segundo e quarto ano da turma durante a graduação.

Cada grupo remontou a fotografia oferecendo voz à imagem. Assim, por meio da fotografia, a realidade suplementar foi concretizada por meio do objeto intermediário, e o contexto social por inteiro foi trazido para uma concretização no contexto dramático. Desse modo, os locais imaginários e seus correspondentes transferenciais foram colocados em nível de visualização (Wolff, Oliveira, Marra, & Costa, 2016).

O primeiro grupo montou a fotografia do primeiro ano de graduação, em que todos estavam sentados em suas carteiras, enfileirados e uma aluna havia feito uma *selfie* (fotografia tirada de si mesmo e de outros) na mesa do professor. Após os solilóquios que enfatizavam

medo do desconhecido, entusiasmo, ansiedade, como legenda escolheram: Era uma vez... Foi tirada uma fotografia nova deste momento. O grupo vive aqui a fase da indiferenciação da matriz, o que é reforçado pela conserva do ambiente educacional no que concerne às filas. Conforme Fonseca (2018, p.379) “a indiferenciação representa o início da formação da identidade, uma pré-identidade; o encontro, uma culminância relacional”.

O segundo grupo montou a fotografia de uma aula em ambiente natural no segundo ano de graduação, em que estavam estudando a importância da brincadeira e estavam jogando jogos diversos em pequenos grupos, alguns grupos mais afastados e outros mais próximos. Aqui a legenda escolhida foi: Brincando com meus amigos. Nova fotografia foi retirada. Nesse momento o grupo se estabelece em triangulação, em clima de competição em microgrupos, estabelecendo para alguns o cluster 3 em clima de competição e para outros o clima de solidariedade. Por meio da elaboração das dificuldades no processo de triangulação nas relações vivenciadas são potencializadas as relações fraternas (cluster 3) (Wechsler, Santos, Santos, & Silveira, 2014).

Baseados na fotografia do quarto ano, os acadêmicos chamaram os demais colegas para montar a foto de um churrasco em que todos estavam ao redor de uma mesa de sinuca, em que 4 colegas disputavam uma partida. Aqui o grupo fez menção à um colega do curso que havia falecido naquele ano e que estava na fotografia. Foi tirada uma nova fotografia desta representação colocando o colega falecido perto da porta. Após solilóquios que englobaram saudade, amizade, morte e grupo os alunos escolheram a seguinte legenda para a fotografia: E foram felizes em cada momento, cada um com sua saudade. Aqui percebe-se a circularização do grupo, momento em que a fotografia oferece diferentes possibilidades compreensivas de apreender e construir experiências, uma forma de desvelá-las, transformá-las e resignificá-las, no aqui e agora. Constituiu-se portanto como um iniciador representante das relações sociais e de vínculos. Assim, por meio da foto o grupo pode expressar seu estar-no-mundo em diferentes

espaços potenciais compartilhando no presente as ambiguidades, reviravoltas e incertezas do caminho para, por fim, se encontrar (Volpe, 2009).

Para finalizar foram projetadas em um *data show* as fotografias tiradas durante a sessão de sociodrama. Olhando para elas os alunos foram convidados a imaginarem uma fotografia do grupo após 2 anos de formatura. Os alunos montaram uma nova fotografia em que cada um escolheu um espaço numa formação não simétrica, nem todos juntos, mas todos com os olhares conectados. Como legenda escolheram: Caminhos. Aqui percebe-se o estabelecimento de uma relação télica independente das escolhas e caminhos, vemos aqui a inversão de papéis, com viabilidade para a concretização do encontro. No encontro ocorre a reintegração cósmica via qualidades ausentes no período de "indiferenciação": a consciência e a memória. E nesse sentido, a fotografia pode representar um meio de incitar o processo de conscientização via registros de memória (Fonseca, 2018).

Para a sessão de Psicodrama de grupo os acadêmicos foram convidados a realizar um relaxamento na condição de aquecimento inespecífico, preparando para o momento de introspecção. Durante o relaxamento foram convidados a prestar atenção aos ruídos internos, do próprio corpo, bem como os ruídos externos.

Os participantes foram convidados a se imaginarem envoltos por uma luz azul que os levantava e os erguia acima da sala, saindo pela janela. Foi solicitado que os participantes prestassem atenção nos carros passando, nas pessoas caminhando abaixo e gradativamente foram levados a chegar na paisagem da casa que habitaram na infância. Ao partir da cena gerada pelos estímulos sonoros externos, a diretora ampliou a força cênica, assim o som dos carros e das pessoas acabou fazendo parte da fantasia guiada criada no momento. Ao chegarem na casa da infância foram conduzidos gradativamente pelos cômodos, foram convidados a procurarem nesses cômodos um álbum de fotografias. Após encontrarem o álbum de fotografias foram convidados a folhearem as páginas e relembrarem os momentos e as histórias que os envolviam.

Foi solicitado que prestassem atenção no cenário e contextos das fotografias. Posteriormente, os participantes foram guiados a escolherem uma fotografia que representassem como se sentem em relação à família. Após escolherem a guardaram no bolso e fizeram a viagem de volta a sala, seguindo todos os passos feitos anteriormente até se verem novamente na sala.

Quando o indivíduo usa objetos intermediários para representar seu mundo interno, este traz um conjunto de sensações e pensamentos. Neste sentido, a comunicação intrapessoal proporciona atenção seletiva, trazendo à consciência uma parte específica deste mundo interno (Ferreira & Lamóglia, 2017).

Para favorecer a seletividade os participantes fizeram uma legenda para as suas fotografias e aqueles que desejaram trabalhar suas histórias se agruparam, utilizando a mirada como processo de conexão para balizar a escolha do protagonista. Após se olharem, dentre os emergentes grupais, surge um protagonista: A. O protagonista é convidado a montar sua fotografia com os membros do grupo. Após a fotografia montada foi convidado a tomar o papel de cada pessoa na foto. Ao tomar o papel de si mesmo quando criança diz: “Eu sou tão feliz aqui com a vó fazendo comida, o pai tocando, aqui eu sou feliz, porque todos me amam”. Após cair no choro o protagonista revela, voltando ao seu papel no presente, que após se afirmar homossexual na adolescência nunca mais houve os almoços familiares de domingo, nunca mais houve macarronada e a gaita do avô nunca mais tocou.

As fotos podem ser utilizadas como iniciadores para narrativas, para que o indivíduo se permita compreender e deixar emergir, um tempo da experiência, deixando-se invadir por diferentes sensações, lembranças e acontecimentos. Deslocando para o registro do comunicável aquilo que antes estava apenas no campo simbólico, embora ainda reverberasse em suas ações no presente, como vimos no caso deste protagonista. Por meio das fotografias, o cotidiano é continuamente reinventado, novas cenas e histórias são lembradas e desveladas, por palavras e cores carregadas de sentido (Volpe, 2009).

Voltando para a fotografia, no papel da mãe o protagonista afirma: “Amo demais meu filho, mas não consigo mais chegar perto dele ninguém consegue”. Em um segundo momento, após duplo da diretora o protagonista diz: “Também não quero que vocês cheguem perto, tenho vergonha”. O protagonista ao se dar conta da vergonha que sentia por não poder mais dar um neto à sua mãe, chorando afirma: “Isso não ia mais continuar, eu não posso ter filho para continuar a tradição do almoço, então que acabe logo”. A diretora fez nesse momento o duplo: “Não se aproximem de mim, porque em mim acaba a tradição da família, porque pra mim só haverá tradição de família se eu tiver filhos.” O protagonista então responde à mãe que quer continuar a tradição, mas que se tiver filhos será por adoção. E voltando ao papel da mãe finaliza a cena afirmando: “Temos ainda tempo para nossas macarronadas, traz o macarrão que a água já tá no fogo”. No compartilhamento os participantes do grupo montaram suas fotografias com auxílio dos membros do grupo dizendo as suas legendas.

Em um primeiro momento essa fotografia traz na matriz um processo de circularização com transição entre os subgrupos. Com o processo de identificação da homossexualidade, o protagonista precisa voltar-se ao reconhecimento do eu, reestruturando aspectos de seus papéis (Fonseca, 2018). Ao favorecer o reconhecimento dos tus presentes na fotografia, por meio da inversão de papéis foi possível reconhecer os papéis sociais, descristalizando aspectos relativos ao significado de família e de tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia agrega características de um objeto intermediário, tendo em vista que é um objeto concreto, que minimiza reações de alarme; permitindo o jogo de papéis e a comunicação, baseando-se na identificação com a própria história, com o próprio eu. E ainda pode ser um meio de investigação e intervenção sobre as fases da matriz de identidade, propiciando a ressignificação emocional, o fortalecimento de vínculos, além da clarificação acerca da complementariedade de papéis vivida. Assim, a fotografia pode representar uma janela de

acesso às cenas, às vidas, aos personagens que compõem o álbum das memórias. Nesse contexto, o psicodrama torna-se ferramenta para ampliação deste álbum, a criação de novos espaços para novas fotografias, um novo eu que pode coexistir com o eu antigo, todas as possibilidades de ser.

REFERÊNCIAS

Andrade, M. M. (1997). *Introdução à metodologia do trabalho científico***.** São Paulo: Atlas.

Ferreira, D. & Lamóglia, F. B. (2018). *Ícones e Mapeamento Psicológico*. Curitiba: Juruá

Fonseca, J. (2018). *Essência e personalidade: Elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Ágora.

Larios, C. M. (2013). Teoría y técnica del psicodrama. *Revista Cuatrimestral de Psicologia, 31*(3), 321-325.

Moreno, J. L. (2006). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.

Nery, M. D. P., Costa, L. F., & Conceição, M. I. G. (2006). O sociodrama como método de pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 16 (35), 303-316

Rodrigues, R. (2007). Quadros de referências para intervenções grupais psicosociodramáticas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *16*(1), 75-92.

Rojas-Bermúdez, J. G. (2016). *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Ágora.

Volpe, A. J. (2009). *Fotografia, narrativa e grupo: lugares onde pôr o que vivemos.* Tese (Doutorado em Psicologia Social)–Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Wechsler, M. P. S., Santos, T. F., Santos, M. A., & Silveira, M. N. (2014). Psicodrama com crianças: das intervenções clínicas às psicossociais. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *22*(2), 25-35.

Wolff, L. D. S., Oliveira, E. S. D., Marra, M. M., & Costa, L. F. (2016). O recurso psicodramático na intervenção com o adulto autor de ofensa sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *24*(2), 58-68. Doi: 10.15329/2318-0498.20160020